

JAPÃO, A DESCOBERTA DE UM SONHO

Por Rita Yoshimine

Mais de 33 horas de viagem me separavam de um sonho antigo. Um sonho que eu guardava desde criança e que parecia tão grande que cheguei a acreditar, um dia, que não iria conseguir. Um belo entardecer me recebeu quando cheguei ao Japão. O País do Sol Nascente fez jus ao nome. Era só o começo do intercâmbio na terra dos meus antepassados.

O “Programa de Convite a Descendentes de Japoneses das Américas Central e do Sul de Visita ao



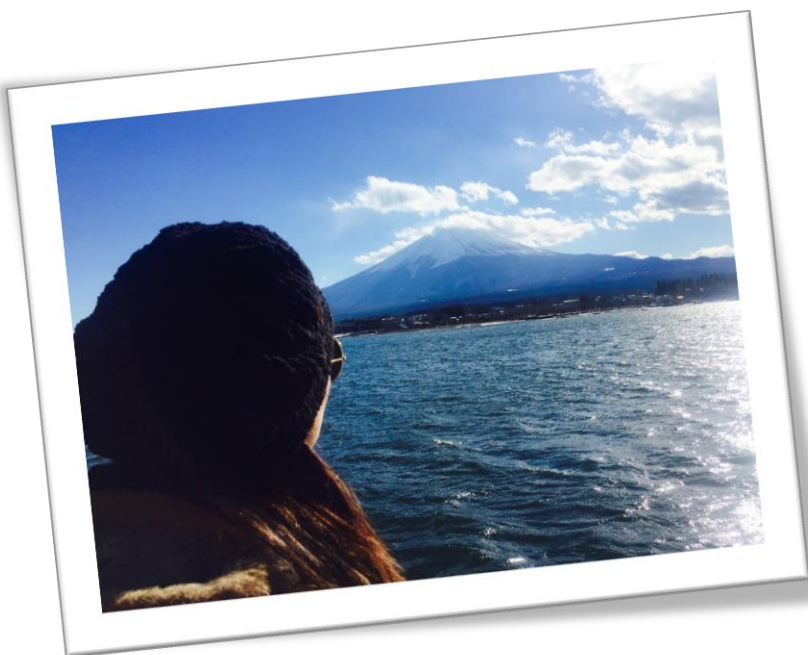
Japão”, do governo japonês, reuniu 10 jornalistas e comunicadores que passaram por seleções em seus países. Argentina, Bolívia, Chile, México, Peru e Uruguai enviaram um representante cada. Já o Brasil teve dois paulistas, uma paranaense e eu, de Brasília.

Em seis dias, participamos de palestras e debates com diplomatas, especialistas, parlamentares, professores, universitários. A cada encontro, um aprendizado, uma troca de experiências sobre o país e seus costumes, geopolítica, diplomacia, segurança e turismo, além de visitas a lugares históricos. Vimos arranha-céus modernos, templos e santuários milenares, tradições guardadas há séculos e a juventude em transformação. Vimos a tecnologia a serviço do homem – e serviços muito bem prestados à população.

ESTREITANDO LAÇOS

“Ni”, símbolo do sol, representa o Japão; “kei” significa parente. Nikkeis, portanto, são os japoneses que vivem fora do país e seus descendentes. Somos 3,5 milhões de nikkeis no mundo. Desses, 2,1 milhões estão na América Latina; 1,9 milhões, só no Brasil, país com a maior colônia nipônica do mundo.

O Japão quer ampliar as relações com os países que abrigam nikkeis, sobretudo os latino-americanos. Há investimentos em cursos da língua e em apoio a festivais da cultura e da culinária japonesa nesses países, bolsas para professores, intercâmbios e cooperações técnicas nas áreas de saúde e esportes.



O país também tem mirado no incremento do turismo. Em 2014, recebeu 10 milhões de visitantes. No ano passado, 24 milhões. A expectativa é que nas Olimpíadas de 2020, em Tóquio, o número chegue a 40 milhões.

Foi uma surpresa constatar tamanho esforço do governo japonês nessa empreitada. O país está aberto para receber o mundo, talvez, como nunca visto antes.

EXPERIÊNCIAS

Entre uma palestra e outra, saímos para conhecer importantes pontos históricos e turísticos. O Museu da Migração Japonesa ao Exterior, em Yokohama, ajudou a explicar esse movimento de saída dos japoneses. Primeiro, no fim do século XIX, para estudar na Costa Oeste dos Estados Unidos ou trabalhar nos canaviais do Havaí. Depois, a grande leva de japoneses para a América Latina, principalmente, o Brasil, no século XX, para a lida na agricultura.

Valeu muito a pena acordar de madrugada para acompanhar o famoso leilão de atum no Mercado Tsukijii, em Tóquio. O lugar é grandioso, tem carrinhos passando em alta velocidade o tempo todo e gente carregando peixes e frutos do mar frescos, que são arrematados por empresários e depois desfrutados em restaurantes da cidade. Visitamos pontos que nem todos os turistas podem ir.



A visita à emissora NHK (Nippon Hōsō Kyōkai) mostrou que é possível fazer uma TV pública com qualidade, mantida sem o dinheiro de anunciantes ou do governo em si, mas com a taxa mensal que os cidadãos pagam. A emissora, que começou a operar em 1925 com uma

transmissão de rádio, tem canais para os públicos interno e externo, em japonês e inglês. O investimento em tecnologia não para: a transmissão é em



HD (High-Definition), de alta definição, e a em 4K, mais avançada, tem sido experimental, em algumas províncias. A expectativa é transmitir muitos eventos das Olimpíadas de 2020 em 8K, a mais alta definição de imagem, ainda em fase de testes.

Aprender o zazen (meditação) com um monge, em um templo budista da capital japonesa, foi uma experiência enriquecedora. Assim como visitar o Grande Santuário de Ise, na província de Mie. A área, do tamanho da cidade de Paris, é repleta de árvores e abriga o rio Isuzu-gawa. O santuário



xintoísta de 2 mil anos, o mais prestigiado do Japão, nos ensina a pedir por todos e a pensar no coletivo. Fato que deve ter pesado na escolha do local como palco da última reunião de cúpula do G7, em 2016.



O PRÍNCIPE E A PRINCESA

Embora já soubéssemos, com certa antecedência, o sentimento entre nós era um misto de ansiedade e incredulidade. “Isso é uma grande honra”, disse a guia. Afinal, ela e muitos japoneses nunca tiveram a oportunidade de estar perto da família imperial. E nós estávamos prestes a conhecer Príncipe Akishino e princesa Kiko, um casal muito querido no Japão.

Ele é o segundo na linha sucessória, atrás do irmão mais velho, próximo a assumir o trono. Ela é muito amada, dizem, uma espécie de Lady Di japonesa. O príncipe e a plebeia se apaixonaram na faculdade.

Na sala da casa real, eles nos cumprimentaram com uma leve

inclinada do corpo pra frente e um aperto de mão. Uma honraria! O bate-papo, regado a água, suco, morangos frescos e doces japoneses, foi descontraído, em pé. Príncipe Akishino falou sobre os lugares que já visitou no Brasil, como o Pantanal. A princesa Kiko elogiou a música e a dança. Disse que os japoneses não têm muito jeito, balançou o corpo de modo meio desajeitado e sorriu. Pude entender porque os japoneses gostam tanto deles.

Foto oficial tirada, nos despedimos. Lembrei que meu amado avô tinha uma foto do imperador pendurada na parede, na nossa chácara no Brasil. Ele teria ficado muito orgulhoso se ainda estivesse vivo. Dia pra ficar na memória.

DESCOBERTAS NÃO PARAM

O Japão é um país tão surpreendente e diferente do nosso que o aprendizado não terminava ao fim da programação oficial diária. A ida aos restaurantes tradicionais me ensinou que o sushiman é chamado de “sushi shokunin”, o “artesão do sushi” e que, ao



contrário do que eu pensava, os japoneses não comem sushi e sashimi todos os dias, pois é uma comida especial e cara, até mesmo lá.

Descobri também que a culinária japonesa tem um quinto elemento: além dos quatro sabores tradicionais (salgado, doce, azedo e amargo), há o umami, que significa “saboroso” e foi descoberto por um pesquisador japonês, em 1908. O umami vem da mistura do glutamato monossódico com as moléculas de outros alimentos e é indispensável nos pratos nipônicos.



A tecnologia é algo que nos mostra o quanto o Japão está à frente. Robôs que atendem clientes nas lojas; banheiros com vasos que levantam as

tampas sozinhos e as aquecem, em dias frios. Mas o que me chamou mais atenção foi a tecnologia aliada ao planejamento que fazem o transporte público ser tão eficiente.



Com metrô, trens e shinkansens (trens-bala) saindo a todo momento, os japoneses enchem as inúmeras estações. A compra dos bilhetes em máquinas, bom número de catracas, filas organizadas, integração e pontualidade são pontos fortes do sistema de transporte japonês. E ainda tem a inclusão, pois todas as estações e calçadas que encontrei tinham piso tátil, para orientar os cegos a circular.

Tudo isso aliado a uma grande sensação de segurança. Eu vi policiais a postos, sim. Porém, o que mais me deixou à vontade foi perceber a ordem e a organização, o respeito e a tranquilidade das pessoas nas ruas.

VALORES JAPONESES

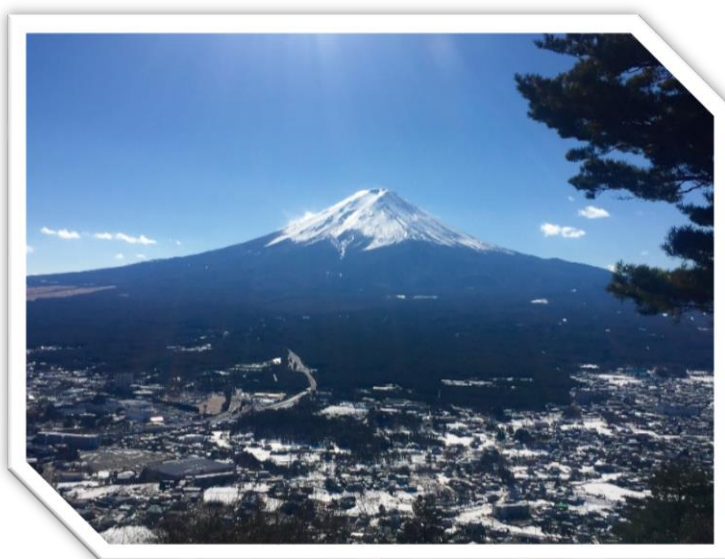
Os valores japoneses, aliás, são mantidos de geração em geração: educação, gentileza, respeito aos mais velhos e às regras. Mesmo que não venha carro algum na pista, se o semáforo estiver vermelho para o pedestre, ele não atravessará. E se produzir lixo na rua, guardará consigo até chegar a um lugar em que possa descartá-lo adequadamente. Nunca vi ruas tão limpas, tanto em cidades menores quanto em Tóquio, a grande metrópole.

Na convivência com os japoneses, eu pude confirmar várias características que eu conhecia por conviver com famílias nikkeis: honestidade, gosto pelo trabalho, vontade de sempre melhorar. Embora os mais novos estejam se adaptando a um mundo globalizado, o Japão ainda guarda seus valores antigos, calcados na integridade.

Os japoneses estão num nível de civilidade bem acima do que eu conhecia até então, num nível que pensei não existir.

UM PAÍS COM INFINITAS POSSIBILIDADES

Ao fim da semana como bolsista do programa de visita ao Japão, fiz questão de permanecer alguns dias a mais, por conta própria, para conhecer lugares que julguei imperdíveis durante a minha estada. Em tempo: eu pensava antes que o país era um lugar caríssimo, mas com a desvalorização do iene e uma boa pesquisa, alimentação e



hospedagem ficaram em conta! Sobrou até para os presentes e lembrancinhas para família e amigos.

Nunca vou me esquecer da sensação ao ver, de perto, o símbolo do país. Monte Fuji e sua ponta “maquiada de branco”, como falam os japoneses, do alto dos seus 3.776 metros de altura, é imponente, a montanha mais alta do Japão. O vulcão ativo é acompanhado por institutos apenas por precaução. A última erupção foi há 300 anos.



Em Quioto, a segunda capital fixa do Japão, pude subir centenas de degraus no Santuário Fushimi-Inari e contemplar uma linda vista da cidade. E ainda alugar um quimono. Foram camadas sobre camadas de roupas, apertadas. Pude, por alguns minutos, me sentir como uma gueixa.



Ver o Grande Buda, uma estátua de 15 metros de altura, em Nara, primeira capital fixa do país, também foi marcante. Dezenas de cervos do Parque Nara, dóceis, chegaram bem perto e até “posaram” para fotos comigo.

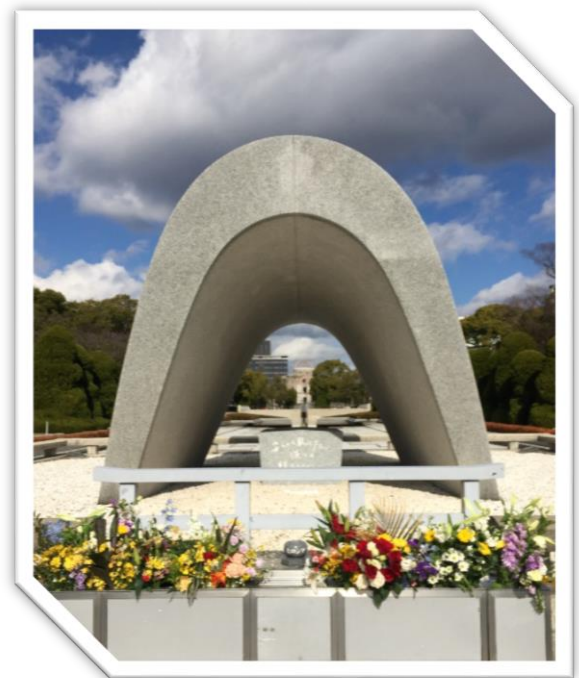


Foi também em Quioto que assisti a uma incrível cerimônia do chá, tradição milenar que reúne os princípios de paz e harmonia, respeito, pureza e tranquilidade. É mais do que beber chá, é uma experiência espiritual, baseada na crença de que cada encontro é uma oportunidade única que deve ser aproveitada, pois não sabemos o que vai acontecer depois.

E por falar em experiências, recomendo a todos que forem ao Japão que se hospedem, pelo menos uma vez, num ryokan (pousada tradicional), de preferência, num onsen (fontes termais). Nunca me senti tão acolhida e bem tratada! Madeira, bambu, jardim japonês, carpas coloridas, tatami, futon e refeições muito bem servidas por uma atendente exclusiva. Tratamento de rainha, ou melhor, de imperatriz!



Foram tantos momentos marcantes, aliás, que fica difícil escolher o que mais mexeu comigo. Certamente, um dos mais inesquecíveis foi a ida a Hiroshima, a Cidade da Paz, o lugar mais silencioso que visitei. O respeito paira no ar. A cidade não se esquece daquele 06 de agosto de 1945, às 8h15 da manhã, quando uma bomba atômica explodiu pela primeira vez na história. Mais de 200 mil pessoas morreram na hora ou em decorrência da radiação.



No meio do Parque da Paz, a Chama da Paz - que só será apagada quando não houver mais armas nucleares no mundo -, uma oração pelas vítimas e o lema: “nós nunca devemos repetir o mal”.

Peguei um sanduíche e sentei na praça. Vi as pessoas indo e voltando de seus compromissos, pedalando, andando com cachorros, turistas. Os moradores de Hiroshima chegaram a pensar, em 1945, que nada nasceria em

menos de 75 anos por causa da destruição, mas no mesmo ano, uma flor brotou no meio dos escombros. E, em meio ao caos, trouxe esperança. Sim, a vida toma o seu curso, como tomou em Hiroshima.



TRANSFORMAÇÃO E CRESCIMENTO

Os japoneses se sentem gratos aos nikkeis, pois a fama de gente honesta, trabalhadora, dedicada e confiável se espalhou pelo mundo por causa deles.

“A comunidade nikkei é uma base de confiança”, disse Hajime Kimura, Coordenador Regional Sênior da Divisão da América do Sul do Ministério

dos Negócios Estrangeiros do Japão. Isso ajuda o país, segundo ele, inclusive nas questões comerciais e diplomáticas. O desafio: fazer com que as novas gerações de nikkeis não percam a identidade oriental. Como já dito aqui, o país tem investido em ações para alcançar esse objetivo.

Nós, nikkeis, também somos gratos por esse sangue nipônico que corre em nossas veias. Por saber que nossos antepassados se dedicaram tanto aos países para onde migraram. E por receber, geração a geração, um pouco do espírito samurai, baseado na obstinação, disciplina e lealdade.

Vi, num dos debates do programa de intercâmbio, o amigo nipo-argentino falar sobre crise de identidade, sobre sentir estar entre dois mundos e não pertencer a nenhum deles, como eu também já senti um dia. No Brasil, serei sempre uma japonesa e no Japão, uma estrangeira. “Você não tem nada de japonesa”, me disse um nativo. Não?

Pois eu pude entender, durante a viagem, muito de mim, do meu jeito de ser. Pude, finalmente, perceber que, na verdade, eu tenho dois mundos. Isso e muitos outros momentos me emocionaram.



Como sentir, desde o começo, a presença do meu amado ditchan (vovô), Akira Yoshimine. Num dos episódios mais tocantes, eu e a guia de turismo cantamos juntas canções de ninar que ele cantava na minha infância. Choramos. Nunca esquecerei.

Meu ditchan Akira deixou a província de Kagawa-Ken, em 1935, para morar no Brasil. Aqui, ele conheceu e formou família com minha batchan (vovó) Taeko Hayakawa, que veio de Chiba-ken. Ela, infelizmente, não conheci, pois faleceu antes de eu nascer, mas eu convivi com meu amado ditchan até a sua morte, aos 79 anos. Ele é sempre lembrado por nós. Seu

bisneto, meu filho, recebeu o nome Akira - uma singela homenagem. A eles, dedico o meu aprendizado durante a descoberta da sua terra natal.

Obrigada, Japão, por ter me ensinado tanto e proporcionado momentos inesquecíveis.

Arigatou!

Até a próxima!

Sayonara!

